



32(1): 5-6
jan/jun 2006

Editorial

Em 1997 – há mais de dez anos, portanto –, quando assumi a editoria de *Educação & Realidade*, tive o orgulho e o prazer de publicar um texto do filósofo José Américo Pessanha (Volume 22, nº 1), intitulado “Filosofia e Modernidade: racionalidade, imaginação e ética”. Hoje, ao editar este número que tem por tema “Ciência e Arte”, retomo Pessanha e o convite que então ele fez aos pesquisadores em Educação: era chegada a hora de pensar em fazer ciência sem necessariamente manter-se no nível da “razão analítica e da prova coagente”. Trata-se de fazer ciência sem deixar de lado as ambivalências, as obscuridades. Fazer ciência abrindo-se à imaginação criadora, ao imponderável e transitório, para além das razões únicas e das verdades incontestáveis. E isso, para o filósofo, valia não só para as Ciências Humanas e Sociais: também os saberes da Matemática, da Física, da Química estão “sujos” de vida.

Pois, neste número, reunimos artigos que transitam justamente por tais temáticas; nos textos, podemos constatar o quanto, nesta última década, a área de Educação tem se dedicado a formular novas questões sobre o ensino da Matemática e das Ciências de um modo geral. Tais abordagens perguntam-se, por exemplo, sobre as relações entre as chamadas “ciências duras” e o aprendizado que delas fazem meninos e meninas, como faz a estudiosa inglesa Valerie Walkerdine, no capítulo traduzido especialmente para *E&R* por Francisco Egger Moellwald. A pesquisadora Walkerdine mostra como vimos construindo, na sociedade ocidental, a produção de verdades tipicamente “modernas” sobre como as meninas aprendem, estudam e pensam a Matemática: e é ali, no cotidiano das práticas escolares que tais verdades fazem história – história de corpos, história de almas femininas, sobre as quais se narra que elas teriam “cientificamente” menos condições de aprender Matemática, em comparação aos meninos.

Lisete Bampi percorre outros caminhos e, foucaultianamente, discute a Etnomatemática como um dispositivo multicultural – que tem suas tecnologias próprias como produtor de identidades e hierarquias. Elizabeth Macedo, por sua vez, caminha próxima de Valerie e Lisete, e nos oferece a análise que fez de livros didáticos de Ciências, mostrando que o currículo, neles suposto e neles de alguma forma operacionalizado, não só biologiza as diferenças entre homens e mulheres como amplia as dicotomias de gênero para outras esferas científicas. A seu modo, os autores Edel Ern e Joanez Aires também problematizam o tema do ensino de Ciências no Ensino Médio, a partir de uma pesquisa histórica, feita no Estado de Santa Catarina.

Fátima Branquinho e Jacqueline da Silva Santos debruçam-se sobre o tema da Educação Ambiental, discutindo outra dicotomia – a clássica separação entre sujeito e objeto, nos estudos sobre natureza e cultura. Afinal, indagam-se, como pensar os laços entre os sistemas de conhecimento popular e o conhecimento científico, no que diz respeito às questões da natureza e da vida das populações? Mais uma vez, a discussão sobre ciência e vida, ciência e arte de viver o cotidiano.

Documentos oficiais sobre políticas de inclusão são a base do artigo de Dinora Zucchetti, Madalena Klein e Ruth Sabat – no qual as autoras igualmente debatem o problema de um certo tipo de racionalidade; no caso, a racionalidade aplicada aos modos de operacionalizar práticas relativas a todo o tipo de discriminação, marginalização e pobreza no Brasil. E, para compor o conjunto dos artigos deste número, Luís Fernando Lazzarin escreve sobre o Ensino de Arte e o movimento do grafite, também questionando lógicas dualistas e racionalidades que ainda hoje insistem em separar museu e rua, arte “verdadeira” e “arte popular”.

Quem deixa suas marcas, como José Américo Pessanha (que morreu em 94), sempre de algum jeito nos acompanha e nos ensina: com ele aprendemos que é preciso introduzir um “depende” no cerne das científicidades por vezes autoritárias, com as quais ainda convivemos. Certamente há outras racionalidades operantes, abertas, imprevisíveis – pelas quais ainda hoje é preciso lutar, com imaginação – essa matéria-prima das idéias obscuras, sujas, absolutamente vivas.

Rosa Maria Bueno Fischer
Editora